

PERSONAGENS DE VALOR

Jovens agentes de desenvolvimento
rompem com práticas antigas

Samuel Lyra e Carla Silva Ferreira



A mobilização efetuada pelos/as Agentes resultou numa série de reuniões, assembleias, capacitações, cursos, encontros, seminários e intercâmbios que muito contribuiu para o desenvolvimento comunitário e para a ampliação do capital humano e social, base indispensável para o sucesso do Projeto. Aquilo era só o começo... Viagem do tempo às comunidades beneficiadas, quatro anos depois.

Capa Grupo de Agentes de Desenvolvimento Sub-territorial

O presente artigo tem como objetivo analisar a experiência dos jovens Agentes de Desenvolvimento Sub-territorial (ADS) e impacto que tiveram nas comunidades onde atuaram, bem como conhecer os efeitos gerados em suas vidas após o término do Projeto Gente de Valor. Pretende ainda promover a reflexão sobre este aprendizado e sua aplicabilidade em outras localidades, tendo por base a opinião destes jovens envolvidos diretamente.

A chave para alavancar o desenvolvimento local

O Projeto Gente de Valor, fruto de um empréstimo de cooperação entre o FIDA (Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola) e o Governo do Estado da Bahia – Brasil, teve duração de 2006 a 2012. Este debruçou-se sobre a realidade de 282 comunidades em 34 municípios no Semiárido da Bahia, com baixo Índice de Desenvolvimento Humano e pouca oferta de emprego, principalmente para a juventude camponesa. Sendo a inclusão de jovens homens e mulheres um dos temas transversais do Projeto, criou-se a função do jovem Agente de Desenvolvimento Sub-territorial, focada na juventude. Estes 104 jovens, moradores(as) das comunidades envolvidas no Projeto, foram a ponte entre a Comunidade e o Projeto, atuando como agentes

mobilizadores comunitários e parceiros fundamentais para os/as Assistentes Técnicos e os/as Assessores na execução do Projeto.

Gerando desafios

“A mobilização das pessoas para a criação dos Comitês Comunitários em cada comunidade e do Conselho de Desenvolvimento Territorial compostos por representantes das comunidades foi um desafio”, diz Willian, um dos ADS. A mobilização das comunidades – primeira tarefa do Agente de Desenvolvimento Sub-territorial – não foi fácil para os jovens.

A mobilização efetuada pelos/as Agentes resultou numa série de reuniões, assembleias, capacitações, cursos, encontros, seminários e intercâmbios que muito contribuíram para o desenvolvimento comunitário e para a ampliação do capital humano e social, base indispensável para o sucesso do Projeto (durante a vigência do Projeto foram capacitadas 55.827 pessoas). Apesar da pressão pessoal e da comunidade que caracterizou o começo, como testemunha Marcio: “Logo de início tive muita dificuldade de aceitação nas comunidades.” Por meio destas ações foi sendo construída uma intensa rede de relações socioculturais e também produtivas entre as comunidades, que se constituíram como um microterritório, chamado no Projeto de Subterritório.

Unindo forças dos indivíduos, ...

Segundo Stela: “A comunidade antes era muito desorganizada, para participar de uma reunião era muito complicado, não tinha ajuda, não. No conselho comunitário os jovens não queriam participar de praticamente nada. A comunidade hoje tem uma associação muito organizada, com um grande número de sócios que participam [...].”

... para as comunidades se tornarem fortes

“Eu era um jovem nascido e criado no meio rural, que vivia antes da ação do Projeto dos conhecimentos populares provindos dos meus pais e avós. Pensava somente em viver da lavoura, sem estímulo para explorar a aprendizagem; vivia muito tímido diante das pessoas. A partir das capacitações, informações e orientações promovidas pelos técnicos/as do Projeto foi possível mudar a forma de vivência no semiárido”, recorda-se Jackson. Os jovens Agentes ajudaram as associações comunitárias, principalmente as diretorias em seus processos administrativos e financeiros, no controle e na prestação de contas. Muitos se associaram, alguns concorreram para cargos na Diretoria, vindo a participar efetivamente da vida das comunidades.

Desde o seu desenho, o Projeto definiu que investir na formação de maneira sistemática seria a chave para alavancar o desenvolvimento local e os processos de geração de rendas. Para tal, ofereceu capacitações, oficinas, intercâmbios, seminários, encontros e o uso de tecnologias sociais adaptadas à realidade do Semiárido.

O eco do impacto

Em que medida a decisão de escolha e contratação do jovem Agentes de Desenvolvimento Subterritorial foi acertada? Consideramos para tal: (a) a situação das comunidades e das associações após o Projeto, (b) a



Acima Agente em sua área de trabalho

continuidade da atuação das entidades contratadas para prestação do serviço de assistência técnica nas comunidades trabalhadas no período de 2009 a 2013, e (c) a permanência destes jovens em suas comunidades (dos 104 jovens ADS que atuaram no projeto, 72,2% continuam até hoje envolvidos em atividades comunitárias). Podemos afirmar que esta foi uma decisão estratégia bem-sucedida, pois o desenvolvimento comunitário segue, de forma autônoma.

Em uma Roda de Conversa jovens Agentes e facilitadores da CAR realizaram uma análise retrospectiva que abrangeu o período de 2013 a 2017, quatro anos após a saída do Projeto. Constatamos que o trabalho dos ADS nas comunidades se encerrou contratualmente, porém, as associações comunitárias e alguns ex-Agentes de Desenvolvimento Social continuam ativos.

Em alguns municípios, as associações comunitárias tornaram-se referência dado seu grau de organização e sua capacidade de encontrar parcerias no município

“Tenho falado do Projeto e da experiência vivida em vários encontros municipais e estaduais dos quais tenho participado, pois costumo afirmar que estes têm sido o alicerce para o meu crescimento educacional, profissional e social. As ações do projeto foram fundamentais para o desenvolvimento social e econômico das famílias, já que buscaram inicialmente ouvir os anseios da população, para só então planejar, desenvolver e implementar ações concretas de sustentabilidade na vida no campo.

Logo após o término do Projeto, ingressei no curso de Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia – a UNEB – na cidade de Paulo Afonso. Durante meu percurso acadêmico, fui monitora por dois períodos da disciplina Educação do Campo, fiz estágio em uma Organização chamada Agendha – Assessoria e Gestão em Estudos da Natureza Desenvolvimento Humano e Agroecologia. Mais tarde fui contratada pela mesma como assistente de Pedagogia do Projeto ATER – Assessoria Técnica e Extensão Rural. Participei da construção do projeto Político Pedagógico

em Educação do Campo na cidade de Glória, representando a mesma na Câmara de Juventude Territorial, como também da criação de alguns Conselhos municipais de juventude em algumas cidades do referido território. Tenho participado como organizadora das Conferências municipais e territoriais de juventude e ATER, assim como de Feiras Agroecológicas na cidade de Paulo Afonso.”

Jusaria Silva Oliveira Santana –
Município de Glória

A metodologia participativa possibilitou processos de construção e tomada de decisões coletivas – só fazendo aumentar o impacto na vida destes jovens Agentes, das comunidades e das associações comunitárias.

Direita Inclusão de jovens na cadeia de produção de alimentos



e na região. Hoje, nota-se que as comunidades trabalhadas pelo Projeto atuam de forma coletiva. Nesta roda de conversa contaram várias mudanças, tanto nas comunidades quanto nas associações. Houve um aumento da participação ativa nos trabalhos associativos o que antes não ocorria, notadamente de mulheres em cargos diretivos.

O trabalho de gênero realizado pelo Projeto com o Povo Kiriri (povo indígena habitante do Sertão brasileiro), pôs ênfase no respeito de sua cultura e tradições. Quando das primeiras reuniões para definir o Plano de Desenvolvimento da Aldeia Marcação, as mulheres só faziam uso da palavra com permissão do Cacique. Foi um desafio, como diz Fabiana: “Na Aldeia, as mulheres passaram a se envolver cada vez mais nas reuniões e em problemas buscando soluções junto com os líderes”.

A metodologia participativa possibilitou processos de construção e tomada de decisões coletivas – só fazendo aumentar o impacto na vida destes jovens Agentes, das comunidades e das associações comunitárias. “Para mim, um dos pontos mais significativos foi o Projeto permitir a participação das famílias das comunidades para que estas, em coletividade, apontassem as principais carências da região destacando aquelas de maior importância para todos.” Destaque para a lembrança de Adenia.

A inclusão dos jovens por meio da contratação para a função de Agentes se deu além do campo profissional, do fortalecimento das organizações locais, da convivência com o Semiárido e dos processos de geração de renda. Como relata o jovem Valdenor: “O que mais marcou no Projeto foram as relações de gênero e associativismo. Eu venho de uma família muito machista, mas com o Projeto e as oficinas de relações de gênero, mudei totalmente a visão dos homens da comunidade, principalmente a minha. Hoje eu varro a casa, passo o pano, lavo roupa, cozinho, ajudo minha esposa em tudo e ela também me ajuda em minhas atividades”.

Mas, apesar – ou por causa – de tantos resultados positivos, nos perguntamos se a contratação de jovens para atuar em Projetos vinculados ao Estado ou financiados por Agências Internacionais poderia ser replicada. “Creio que um Projeto como o Gente de Valor, deve sim, continuar com esse trabalho com jovens. Assim como eu encontrei no Projeto motivos para continuar na comunidade, ter uma formação técnica e me engajar nos movimentos sociais, pode ser com certeza, que existam outros vários jovens precisando dessa força.” O depoimento de Guilherme coincide com os dos outros ex-ADS e as avaliações.

A conclusão a que chegamos após estas quatro rodas de conversa é que a contratação destes jovens como estratégia de inclusão e fortalecimento organizacional foi positiva. Hoje, após quatro anos de encerradas das atividades do Projeto nas comunidades, o nível de envolvimento do Agentes de Desenvolvimento continua. Esta estratégia, além de viável, é passível de ser replicada. Deve ser repetida em outras localidades, de acordo com cada realidade.

Para a replicação do sucesso, diversos aspectos exigem atenção especial. A participação efetiva dos beneficiários na elaboração de projetos de desenvolvimento comunitário, tal como a mobilização e organização comunitária – principal ferramenta para a construção da cidadania – devem constituir a base metodológica. É importante que uma discussão com as comunidades preceda sempre cortes de atividades e de orçamento.

A inclusão da juventude na dinâmica associativa e na vida das comunidades foi a chave do sucesso do aspecto gerencial desta experiência. Projetos que tenham jovens contratados devem envolvê-los na consolidação do mesmo, inclusive após seu término. Para tanto, recomendamos a elaboração de projetos voltados para agricultura agroecológica familiar, onde a inclusão da juventude seja tema transversal.

Investir é a chave. Na organização local, nos sistemas produtivos existentes na comunidade: estes possibilitam a continuidade e sustentabilidade. Investir na assistência técnica apropriada para o semiárido e no gerenciamento da mesma. Introduzir tecnologias sociais adaptadas à convivência com o semiárido.

Por que, afinal, investir em processos formativos contínuos das associações e da juventude?

Capacitações geram conhecimento e despertam o desejo de formação acadêmica. Quando voltadas para gênero, promovem a autonomia e independência das mulheres. Investir na formação aumenta o comprometimento com o trabalho e melhora a qualidade de vida dos indivíduos e das comunidades. Revitaliza, literalmente, a alavanca para o desenvolvimento local.

Finalizamos com a história de um dos tantos Jovens de Valor

“Eu, Valdenor Fernandes Moreira, morador da Fazenda Caixão – Município de Cansanção, nasci em março de 1989, mas só concluí o ensino médio no ano de 2007. Em 2008 entrei na Associação; logo fui eleito como presidente e em seguida chegou o Projeto Gente de Valor. Em 2009 fui contratado como Agente de Desenvolvimento Subterritorial, busquei logo parcerias com órgãos governamentais e entidades não governamentais. Há dois anos trabalho como agente de crédito na Ascoob, Cooperativa de Crédito Rural de Sisal do município de Monte Santo. Continuo morando na comunidade, acompanhando e dando apoio aos nossos grupos produtivos. Hoje sou casado, tenho duas filhas, minha esposa faz parte destes grupos. Continuo atuando como Agente de Desenvolvimento e até muito mais. Por que hoje, na minha função acompanho várias outras comunidades. Como agente de crédito, fazemos campanha para as famílias tirarem documentação, campanha para apoiar as associações em reformulação estatutária e organizacional. Promovemos também intercâmbios para incentivar aquelas comunidades que ainda não se despertaram. Atuar como ADS foi a coisa mais importante na minha vida. Eu sou muito grato ao Projeto Gente de Valor, tanto pelo meu crescimento pessoal como também pelo desenvolvimento da comunidade.”



Samuel de Souza Lyra

Sub-Coordenador de Desenvolvimento do Capital Humano e Social.

E-mail: samuelyra@car.ba.gov.br



Carla Silva Ferreira

Especialista em Políticas Públicas de Gênero, Raça e Etnia, Consultora, Assessora de Monitoria & Avaliação do Pró-Semiárido.

E-mail: carlaferreira@car.ba.gov.br

Ambos vinculados à Secretaria de Desenvolvimento Rural do Governo da Bahia/ Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional – SDR/CAR, Brasil.